



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADA A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Setembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1656
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Obras

COMPRENDEMOS que é bem mais fácil renovar ou adequar as estruturas materiais do que as estruturas humanas, ainda que umas condicionem as outras reciprocamente.

Para a concretização daquelas, basta que haja fundos financeiros, projectos concertados e adequados à realidade em causa e uma necessidade efectiva.

Mais difícil, quando se trata de tocar na parte humana que as envolve. Aí se entrecruzam histórias pessoais, vivências longas, quantas vezes amassadas pela dor e pelo sofrimento. De tal modo assim é que, às vezes, até apetece perguntar às paredes que digam de sua justiça... Contudo, a decisão não pode ser a da marca do tempo já que este tem, inexoravelmente, como companheira a mudança.

Numa Instituição as pessoas são o seu património mais valioso. As que a servem, dedicando a sua vida e tempo e aquelas que beneficiam dela em tempo, experiência e oportunidades de realização pessoal. É fundamental que isto se reconheça antes de qualquer aproximação; de qualquer intenção ou crítica.

Na história rica de experiência e aquisições, nas Instituições votadas à educação e omparo da juventude, este reconhecimento torna-se um acto absolutamente justo. Que ninguém junte ao desgaste imperdoável do tempo a poeira das palavras e discursos que o tempo se encarrega de sepultar.

Só ficará o bem que o homem constrói e faz; esse bem que a terra nunca corromperá.

Aplicada, a uma Casa do Gaiato, esta reflexão tem uma força enorme. A natureza familiar que caracteriza o seu método educativo dá-lhe relevo.

Continua na página 4

MALANJE

Meditando

«**T**ODOS os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um».

Seria uma revolução profunda nas sociedades de hoje...

Para um senhor muito rico, que ao passar numa rua onde quase todos os prédios lhe pertenciam, seria fácil, pois ele afirmou para um meu amigo:

— *Dava de boa mente todos estes prédios, por cinco minutos de paz na minha família.*

Dava a quem? Como o fariseu e o sacerdote que passaram e não ligaram ao homem despojado e ferido? — Também ele passaria...

Não é fácil a descoberta do «outro», para quem mergulhou nos bens materiais. Ter mais!...

Como nós na margem dum rio límpido vemos as pedras e a areia no seu leito — assim, os grandes ricos, as empresas e as multinacionais vêem o seu lucro e as razões dele.

Além disso, afastámos Deus do nosso caminho e, neste, não está o «outro».

Somente o amor de Deus nos leva ao amor dos Irmãos. Este amor nos faz ver como são efémeros os bens deste mundo e como Ele somente é caminho da nossa salvação e nossa felicidade.

Já nos tempos antigos os pagãos admiravam a comunhão de bens e a solidariedade entre os cristãos: «Vede como eles se amam» — diziam.

* * *

Naquela vila, tiraram as flores do jardim e puseram cubinhos de pedra... Humanos desta Era não querem flores. As pombas fugiram. Pedras e pedregulhos! Nem flores nem pássaros. Linhas rectas! Andar e voar!

Senta-te na encosta dum monte e contempla as cristas rochosas...

— O tempo!?

O tempo não é nosso e só Deus sabe o que nos toca. Abre o teu coração ao canto dos pássaros e comanda o tempo que Ele te dá. Escuta o murmúrio dos regatos e goza a brisa que perpassa...

Acreditas em Deus? Tens fé? Pára e pensa na tua eternidade. Ela é uma certeza. Pelas obras é que vamos... Levantemo-nos!

Padre Telmo

Vistas de dentro

O restauro da *casa-mãe* da nossa Aldeia de Paço de Sousa obrigava-nos a esvaziá-la e coube-me a tarefa de passar a pente fino todo o conteúdo do escritório de Pai Américo: livros, documentos e recordações inúmeras e várias que ali se guardaram ao longo de dezenas de anos.

Eu não sou homem de papéis, de arquivos... e nisso não degenerarei de Pai Américo, para quem o destino desejável dos papéis correntes era o cesto deles, sempre prestes à beira da secretária.

Quando, há muitos anos já, tive em mãos o espólio da correspondência familiar que, entre outras informações, nos permite conhecer o ambiente local e temporal em que nasceu e cresceu o Américo e entender melhor o seu *mistério*, lembro-me do regozijo que me proporcionou a tendência contraditória que era a de seu irmão mais velho, o Padre José Monteiro de Aguiar, o arqueólogo, o orientalista, o erudito — esse, sim, um homem dos arquivos. E recordo ainda a graça quase ingénua, mas reveladora de semelhante paixão, com que

a detentora do espólio, a sobrinha Duruzila, abraçando o baúzinho dos documentos no seu regaço como supremo valor que a velha Casa de Antelagar guardava, me desabafou o receio de um possível incêndio que roubasse o *seu tesouro*.

Fez-me bem, então, esta experiência mas não me converteu e, por isso, foi duplamente dolorosa esta tarefa de escolher o que conservar do que haveria de descer ao cesto dos papéis. Mas foi, também, ocasião de alegria no reencontro de livros de que perdera o rumo e de mensagens saborosas de Amigos que nos amam com o coração e com a inteligência, alguns, felizmente, ainda entre nós. E dos que não, um actualizar de saudade que me reconfortou na cer-

teza de que «a vida não acaba, apenas se transforma» e, entre cá e Lá, o amor autêntico não sofre desvalorização.

Um sector particularmente grato foi o dos «dossiers» do Património dos Pobres. Neles corremos Portugal de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e percebemos melhor o impacto doutrinal que teve esta Obra na mente de muitos responsáveis, quer do Clero quer do Laicado, comprometidos na vida do Povo de Deus. E apercebi-me da conveniência de reunir em livro os escritos dispersos de Pai Américo sobre este tema, aliás os únicos que falta publicar. Encontrámos algumas cartas «perdidas» de Pai

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«É IMPERIOSO E URGENTE — É imperioso e urgente ajudar os homens de novo a amar-se.

É imperioso restabelecer as relações de boa vizinhança e de respeito mútuo entre pessoas, Estados e Nações.

É imperioso reequilibrar a coexistência entre o homem e a natureza.

É imperioso educar o homem, para que cessem os extremismos e todos os fanatismos.

É imperioso respeitar o espaço, o ambiente e contribuir para a valorização da 'casa comum'.

É imperioso voltar a acreditar nos políticos e nos governantes.

É imperioso restabelecer a justiça e cuidar dos mais pobres.

É imperioso e urgente fazer da terra a nova humanidade...

É urgente cuidar com ternura dos mais velhos.

É urgente cuidar e de novo fazer rir as nossas crianças.

É urgente ajudar a Família a desempenhar a função que lhe cabe na sociedade dos valores e dos afectos.

É urgente ajudar os jovens, para que assumam com esperança a iniciativa que lhes cabe, na construção de uma nova terra.

É urgente derrubar barreiras e esbater cadeias.

É urgente que o homem volte a ser o centro de todas as atenções.

É urgente recordar ao homem que é um ser criado à imagem e semelhança de Deus, que o ama e dele se quer servir para fazer da terra a 'Nova Jerusalém'.

É urgente que o homem redescubra e cultive um novo sentido da amizade.

É imperioso e Urgente Revolucionar o Mundo Pelo Amor.

M. C. G.

In «Escalada», do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo

PARTILHA — A assinante 72996, de S. Mamede de Infesta, entrega 15 euros. «Sem mais palavras, com um abraço cheio de fraternidade e desejo de umas 'férias', em que o silêncio de Deus e a Sua paz, nos renovem para enfrentar a vida que nos espera. Graças a Deus e ao Pai por tudo».

O assinante 24851, «20 euros, em acção de graças pelas férias que Deus me concedeu. Não agradeçam. Eu é que tenho de agradecer. Que Deus seja louvado!»

Agora, vem lá a assinante 14700, de Oeiras, com «a minha dádiva, que é a que posso enviar, mas de todo o coração, uma vez mais agradecida

pelo vosso envio d'O GAIATO, sempre tão pontual. Nesta última edição que recebi, verifico que as dádivas, pelos vistos, têm vindo a escassear... E nunca desanimem, com a ajuda de Deus. Ele quando promete nunca falta».

Do assinante, de Condeixa, um cheque de 30 euros «para ajudar a custear as férias das crianças que estão ao vosso alcance, pois elas precisam e tanto gostam».

A assinante 38885, de Moscavide, «migalhas para ajudar os que mais sofrem (250 euros)..., de pobres para os Pobres».

Uma senhora, de Rio Tinto, 25 euros, sublinhando: «Não enviem recibo. E bem-haja».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

BATATA — A nossa colheita, este ano, foi muito boa. Colhemos, dela, em seis campos e terminámos no dia 14. Esperamos que, para o ano, a colheita se mantenha.

A batata continua a ser um alimento essencial em nossa Casa.

PRAIA — O primeiro turno já regressou da praia e o segundo já foi, há duas semanas.

Esperamos que aproveitem, porque as aulas batem à porta.

ESCOLA PRIMÁRIA — A nossa escola primária, possivelmente, vai fechar e os nossos rapazes irão estudar para a E.B.1 do Mosteiro.

Vai ser uma nova experiência. Desejamos que seja ótima.

OBRAS — Por motivos de segurança, a nossa casa-mãe entrará em obras. A cozinha funcionará nas antigas escolas.

Esperamos que fique mais linda e funcional por dentro, porque, por fora, bonita já é!

Hugo Pina

AZURARA

A GALOPE — Foi assim que o segundo turno de praia se estreou na primeira semana de férias: a visita de um casal amigo (família Azevedo, o Mário e a São), de longa data, que tão bem conhecemos.

Logo se aprontaram em nos oferecerem um dia muito bem passado, que se prolongou para três, pela humildade e amizade deles para conosco. Montámos a cavalo. Primeiramente com o Mário como professor; depois, a maioria já se atrevia a galopar sozinho o «branco».

Pedro («Bonga»)

SETÚBAL

ESCOLA — Ultimamente os Rapazes que frequentaram o 9.º ano e que passaram, têm ido às suas respectivas escolas para renovarem ou se inscreverem noutra escola para o caso de não haver o curso que pretendem seguir. Estarei a dizer bem se disser que este ano escolar é o que mais responsabilidade requer, pois cada rapaz tem, agora, nas suas mãos,

as bases do grande futuro que quer construir. «Pelo fruto se conhece a árvore» e no presente se constrói o futuro. Agora, vamos lá a ver como decorrerá este ano. Esperemos que o melhor possível...

TORNEIO — Com os pequenos tem sido um pouco mais difícil organizar os jogos com disciplina exemplar, mas o futebol é mesmo assim e nós lá nos vamos aguentando.

Até agora, tem havido bastante competição e, até, bons golos, mas o objectivo deste pequeno torneio é

fazer com que os Rapazes se divirtam e convivam entre eles.

Em relação às estatísticas do torneio, no topo da tabela encontra-se a equipa D e a liderar a lista dos melhores marcadores está o meu nome e a seguir o Rodrigo.

EIRA — Eu, o Amílcar e o Ubisse, andámos a apanhar o entulho, que se amontoou através das obras que foram feitas, e a limpar o chão da eira, que está, agora, com melhor aspecto.

Já está quase tudo pronto e em breve teremos, para todos nós, mais um espaço que nos poderá ser muito útil para fazer muitas coisas.

REGA — Como é habitual em todos os verões, têm que se regar as árvores para que tenhamos dos seus frutos. As macieiras têm progredido bem, tal como todas as outras árvores novas, mas temos cá uns Rapazes que se deixam cair na tentação e, de vez em quando, lá vai uma frutinha.

LIMPEZAS — Todos os verões, quando os Rapazes vão para a Arrábida, aproveita-se para se fazer limpezas e arranjos nos seus quartos e salas-de-estar. A D. Fatinha, com a ajuda de alguns Rapazes, passa as casas a «pente fino», deixando tudo arrumadinho ao gosto deles. Todos os dias o chefe os escolhe, conforme a sua idade, para uma tarefa que lhes seja adequada, cabendo a alguns deles as limpezas sempre necessárias.

Danilo Rodrigues

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

Casamento do «Lito»

Um dia muito importante para nós; mais importante, ainda, para a Geraldine e o «Lito» que se casaram em Kreuzlinguen, Suíça, ao lado da Alemanha e do lago de Constance. Para a «festinha» da boda, atravessámos, a pé, a fronteira e fomos à Alemanha.

Foi mais uma oportunidade para se juntarem alguns irmãos gaiatos em que a presença da Casa foi reforçada com este contingente radicado no estrangeiro: O «Vitinho» e família, em França; o Nave e família, no Luxemburgo. E a ti Geca, vinda de Portugal que, durante a cerimónia, transmitiu votos de felicidade com tudo de bom da Casa do Gaiato.

O «Lito», também transmitiu a todos o seu agradecimento, a meio da cerimónia, tradição do País, em vários idiomas: francês, suíço, alemão, português e italiano.

Foi um casamento multicultural, onde se sentiu um bom exemplo de integração. Fomos, de seguida, para a boda, com muita dança pelo meio e a participação dos noivos mostrando, assim, os seus dotes, principalmente no merengue — com muito boa coordenação.

Não faltaram as surpresas da equipa de futebol onde o «Lito» joga, para além de outras actividades. Partimos, de lá, com a alegria e o desejo de que este dia seja o princípio de mais uma etapa nesta peregrinação que é a nossa vida.

Muitas felicidades aos noivos.

Nave



Casamento da Geraldine e do Lito, que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em Julho 2007, na Suíça.

Uma carta

Graças a Deus, mais uma época de férias e eu a partilhá-las com os Gaiatos.

Já aposentada, venho, há vários anos, lembrando esses meninos e enviando um pouco do muito que o Senhor me dá, para ser aplicado na Obra..., tantas necessidades à vista!

Sou admiradora e amiga da Obra da Rua, há muitos anos. Tenho-os como família e agradeço ao Senhor o poder conhecer-vos e aproveitar da evangelização feita através do querido jornal O GAIATO.

Que Deus vos dê coragem, para enfrentar os inimigos que espreitam, e fé na acção do divino Espírito Santo que vos ilumina.

Com a amizade da irmã em Cristo, e os cumprimentos aos senhores Padres Carlos e Acílio, cá do Algarve.

Assinante 21.374

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Agosto,
52.400 exemplares



MALANJE

Com os africanos

FAZ um ano que fui convidado por Padre Eduardo a passar minhas férias em Malanje. Ele falou com Padre Telmo, para que eu ficasse na Casa do Gaiato, daquela cidade.

Lá encontrei uma experiência

de vida, nas entranhas de África, onde o amor, dinamizador do Reino de Deus, está presente.

Desde esse momento foi um processo de conhecimento da Obra da Rua e do pensamento do Padre Américo.

Com o amor e o respeito que

merecem as crianças e o Povo africano, empreendo esta «aventura» que só tem sentido sendo vivida.

No Padre Telmo encontro um discípulo do Único Mestre e, apesar das nossas debilidades e limitações, continuaremos a fazer realidade do Reino de Deus, neste pedacinho terrestre, onde as crianças são as Suas herdeiras.

Um abraço aos Leitores d'O GAIATO e àqueles que o fazem possível.

Padre Rafael

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

A Obra vive em outros caminhos!

«Sabeis bem que tenho continuado a acompanhar a Obra, em especial através d'O GAIATO. E quero, desde já, dizer-vos que foi bem terem publicado as 'Normas de Vida — Regra' dos padres da rua e a 'Carta Constitucional' da Obra.

Não as conhecia nem, aliás, precisava de as conhecer, porque a vossa vida, como me chegava, revelava o que aqueles documentos registam. Mas gostei de os conhecer, não para avaliar o seu cumprimento, mas pela forma tão directa, tão simples, tão substancial, que tudo diz de forma tão completa.

Penso, muitas vezes, em vós, no arrojo da vossa acção e na fé que não permite dúvidas em relação ao futuro. Humanamente poderiam tê-las, mas a Obra vive em outros caminhos!

Deus vos ajude.

Assinante 23768»

É preciso que a Obra continue...

«Como acontece com toda a gente que vos conhece, também nós lemos O GAIATO, de fio a pavio, logo no dia em que o recebemos. Sempre com muito gosto; muitas vezes com emoção; algumas vezes com revolta, quando o mal que vos pretendem fazer ultrapassa os limites; mas sempre, sempre, com ânimo, certos que Deus está convosco e que o querido Padre Américo tem grande poder de interceder... E vela por tudo o que vos diz respeito.

Sempre seriam de esperar 'trabalhos forçados' para quem se mete numa Obra como esta, de dar a

mão aos pequeninos 'rapazes da rua', pobres de tudo, algumas vezes já distorcidos por vícios e, até, revoltados pela situação de marginalidade em que se encontram. Mas que grande é a alegria de vê-los florescer e crescer como homens de valor, verdadeiros e dignos filhos de Deus!

Há tempos, fazendo um balanço da nossa actividade, com outros amigos, perante algumas coisas menos boas que se tinham passado, perguntávamo-nos se tinha valido a pena. Um sacerdote, que estava connosco, emendou-nos o alvo: não interessava saber se alguma coisa tinha corrido mal; o que interessava era saber se alguma coisa tinha corrido bem. E, se sim, então tinha valido a pena, porque vale sempre a pena fazer o bem, ainda que pouco, que formos capazes.

Isto é evidente para qualquer cristão, e não faz sentido estar a dizer-vos-lo. Mas a mim, e a todos os que escutávamos aquelas palavras, fez-nos bem. Deu-nos ânimo. Só aqui as repito para partilhar convosco o bem que elas nos fizeram.

Na Obra do Gaiato sois, todos, 'corredores de fundo'. Não se trata de uma 'corrida dos 100 metros'. É uma corrida para toda a vida, até que o Senhor considere 'que já chega!'

Só faz pena ver os 'cegos' que, a propósito de que bem(?), perseguem a Obra. Creio que não é propriamente a Obra que eles perseguem. É a Igreja! É a Igreja que eles queriam destruir. E a Obra exalta a Igreja! É a fina-flor da Igreja. É apreciada, dá nas vistas. Enquanto a Obra durar, também a Igreja dura e persiste. Por isso, se atiram contra a Obra e queriam vê-la desaparecer ou desacreditá-la. É, por isso mesmo, que é preciso que a Obra do Padre Américo continue.

Deus vos dê ânimo e forças! É o que do coração vos desejamos.

Assinante 78776»

DOCTRINA



Com meias tintas e panos quentes gelamos o sangue da Cruz e conquistamos alminhas!

VERIFICOU-SE no último número d'O GAIATO ser insuficiente a tiragem de catorze mil exemplares. Aumentou-se. Leitores afeitos ao Jornal não sofrem a falta do seu número. Quando e se o carteiro não faz entrega, aí vem o S.O.S. sempre acompanhado de dinheiro, algumas vezes mais do que a própria assinatura: «Mande. Eu faço colecção».

NÃO oiço o que por lá se diz do periódico, mas, sim, oiço o que aqui vêm dizer por carta. É gente que me não conhece nem eu tão pouco a eles. Gente que precisa mais da leitura d'O GAIATO do que dos meus favores ou ofícios. Nasce-lhes na alma o que dizem e, por isso mesmo, só dizem aquilo que sentem. Este panorama vem-se desenrolando e estendendo com a formosura de uma aurora boreal. Alastra: «Mande também para fulano». O que já lê, não lê, não se farta de ler, senão que quer também que os mais o façam!

ISTO são os factos actuais do «Famoso». Que devemos nós concluir? Pelo primado da espiritualidade. Pela força do espiritual. A alma é que é o homem. Mesmo aqueles que a negam. É com ela e por ela que o fazem! Ora o alimento da alma é a Verdade. A Verdade é Jesus Nazareno. E aqui temos outra explicação da retumbância do Jornal.

Em uma das muitas cartas vinha assim a dizer «Na sua maneira de expor, V. nunca se esquece que é padre e isso é para mim consolação, católico que sou».

DISSE bem. É assim mesmo. Se no cabeçalho aparece o nome dum padre, que outra coisa não há-de ser o Jornal senão um púlpito? Quem há-de ele defender senão os Oprimidos? Que outra coisa podia ensinar fora do que diz o Mestre? Para que serve o sal se não salga?! Sempre assim pensei, mas nem sempre me foi possível assim fazer.

ERA de uma vez eu a cooperar num jornal dito católico, de certa Diocese do País, orientado por um meu colega. Fazia-o por necessidade. Era então, como hoje sou, servo dos Pobres. Pedia para eles, no jornal. Pedir para os Pobres é marca do Evangelho. Os primeiros apóstolos, naquele tempo, faziam na mesma. Ora muito bem. Tinha um cantinho no dito jornal, sim, mas não podia expor doutrina à minha vontade, por via das cortadelas. Eu respeitava. Era o meu dever. Convencido, nunca. Vencido, sim. Chegou o meu dia. Jornal próprio. Tema um: Jesus Crucificado. Leitores? Já se sabe. Dinheirinho? Não me confesso aqui. A Luz não é para colocar debaixo do alqueire. A quem alumiará? Sem o Mestre nada, já se vê. Não podemos nada. Mas com Ele — tudo. Podemos dizer tudo, desde que a gente se saiba agachar e se saiba diminuir, para que Ele apareça.

PEDRO ouviu um anjo dizer-lhe: «Sai daí para fora». Ele, com guardas à vista nas portas exteriores da prisão e com guardas à vista nas portas interiores da prisão e com as mãos ligadas por cadeias de ferro. Que importa? «Surge velociter!» O pescador de almas, que antes fora de peixes!

SIM. Temos esta força connosco. Força que vem do Mestre e nos é dada para a conquista das almas. Não vá a gente cair no erro de desprezar esta força e usar a nossa própria fraqueza. Como? Não dizendo. Não escrevendo, com medo do que possa vir a dizer o Mundo! (O Mundo! Quem é o Mundo?) E assim, com este medo, com esta prudência, com esta cautela, com meias-tintas e panos quentes gelamos o sangue da Cruz e conquistamos alminhas!

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

SETÚBAL

Necessidade de maior atenção

O Sérgio tem sido o chefe dos nossos «Batatinhas», neste Verão. As férias escolares dão-lhe tempo para que ele assuma este cuidado pelos mais pequenos.

Tem sido irrepreensível no acompanhamento deles. Pela manhã, deixa a casa e o quarto onde dorme, e vai à *casa-mãe* ajudar a senhora que os veste e prepara para o novo dia que começa.

De todos, há um que necessita de maior atenção e ajuda para se preparar; é o Diogo, um pequeno que chegou até nós sem os hábitos normais para uma criança da sua idade.

O dia em que veio, para nós, foi de especial cansaço. Levando-o, pela mão, a percorrer os espaços da Casa, não mais o pude fazer quando chegámos à vacaria. Assim que viu os animais, desatou a correr ao seu encontro, pulando e rindo. Bem tentava acompanhar os seus movimentos, mas a euforia levava-o a descarregar toda a energia, que parecia longamente acumulada, de forma com-

pletamente descontrolada. Ia pelo estábulo, de vaca em vaca, sempre rindo e pulando, sem qualquer receio desses corpulentos animais que, normalmente, põem em sentido qualquer criança, aos primeiros contactos.

Depois delas, foram os bezerros. Ainda que mais altos que o Diogo, este insistia em tentar subir para o dorso deles, obrigando-me a fazer-lhe a vontade para impedir um eventual acidente.

Isto aconteceu há poucos meses. Hoje, levado com jeito pelo Sérgio, fica à mesa dos «Batatinhas», quase como todos os outros, sem perder a liberdade de movimentos, sem constrangimentos.

Se nem todos os Rapazes têm esta capacidade natural e experiência de vida para pôr em prática tão perfeita pedagogia, a verdade é que alguns, tal como o Sérgio, a têm. Não há curso académico capaz de formar um pedagogo desta craveira. Estou em crer que o Sérgio também aprende muito com o Diogo, o que é difícil acon-

tecer com os adultos. Primeiro, a individualidade do Outro, o respeito pela diferença, o trabalho pelo aperfeiçoamento mútuo. Depois, a disponibilidade que faz esquecer os interesses próprios por causa da necessidade do Outro. Por fim, a preocupação. A melhor prova de amor, logo a seguir à outra virtude sua irmã, que é dar a vida.

O Diogo tem-se desenvolvido a olhos vistos. Também os outros pequenos têm contribuído para o desabrochar das suas qualidades, motivando a extroversão delas. E os animais, o espaço, as plantas, a comida e a água por quem tem uma atracção enorme, uma verdadeira fonte de vida!

Sem Rapazes como o Sérgio, tudo seria muito mais complicado; em todos os sectores da nossa vida é o mesmo. Sem o Rapaz no seu lugar, tudo perderia a exuberância e a nossa Casa ficaria como jardim cheio de flores de plástico, que só aparentemente têm vida.

Padre Júlio

Obras

Continuação da página 1

Os espaços físicos, a envolvente natural que a emoldura são passíveis de desgaste, naturalmente, mas constituem, pelo tempo fora, uma matriz interiorizada de forma indelével; uma referência pessoal permanente: «a nossa Casa, a nossa mata, a nossa fonte...» — Expressões que tantas vezes saltam da boca como notas musicais de saudade e de afecto.

Em todo o toque de renovação tem de estar, pois, esta vertente histórica que afecta as estruturas e as pessoas.

Depois das obras operadas na nossa Capela, que lhe conferiram um toque de grande beleza e

dignidade, sem macular a sua estrutura, seguem-se, agora, as tão necessárias da *casa-mãe*.

A *casa-mãe*, é uma obra-prima de grande beleza estrutural. A sua varanda granítica, sobejamente conhecida de quem visita esta Aldeia, um verdadeiro «bilhete-postal».

As intervenções, em termos de construção, não serão estruturais, pois que a estrutura, tal como foi concebida desde o início, não está ultrapassada.

A intervenção visará os «interiores». Aí, sim, pois que as exigências educativas actuais e as normas de segurança, a vários níveis exigidas, e bem, assim o requerem.

São obras, de momento, necessárias. Torná-las exequíveis, não é cedência ao capricho, antes um serviço à Comunidade; uma obrigação de consciência na fidelidade ao Padre Américo.

Padre João

Vistas de dentro

Continuação da página 1

Américo e guardámos testemunhos de interlocutores seus, sobretudo de Párcos e de Vicentinos. Oxalá os nossos prelos estejam disponíveis para mais este volume que encerrará em livro e disponibilizará, assim, mais facilmente tudo quanto Pai Américo escreveu e constitui *Compêndio sui-generis* de Doutrina Social.

ESCREVO no Lar do Porto, diante de janela aberta sobre o nosso

quintal. Ao fundo, na pequenina horta «ecológica», colhido o feijão verde e algum já meio seco, fenecem as últimas couves.

Vem o Setembro, regressam os Rapazes e é tempo de semearmos um pequeno nabal, plantarmos as tronchudas do Natal e tentarmos melhor sorte do que temos tido num bom canteiro de salsa.

Antigamente tínhamos galinhas e coelhos e todos os anos matávamos um porquinho, manhã cedo, mas sempre com inevitável alarido... da vítima e dos algozes.

As leis urbanas impedem. Mas o galinheiro está lá e creio que não é proibido usá-lo. Pensava em pequenina criação a sustentar da nossa horta, com um bocadinho de milho de Paço de Sousa e restos das nossas refeições. Algo possível fora da «civilização de aviário» em que vivemos.

Será que em meados de Setembro, algum produtor de pintos «ao natural» nos acena com uma dúzia deles para irem crescendo e nos regalarem com umas canjinhas também «ao natural»?...

Padre Carlos



BENGUELA

Paz social

JÁ era noite, quando veio ter comigo a dizer-me que a sua casa tinha caído. Trazia o pedido urgente de dinheiro para comprar o material necessário ao levantamento da mesma. As aflições dos Pobres caem sobre nós, desde manhã cedo até à noite. De vez em quando, batem à janela do meu quarto, pela noite dentro, a pedir transporte para o hospital. Vivemos, deste modo, com os mais Pobres, ajudando-os a caminhar com esperança. Quem dera tivessem capacidade para resolver mais alguns problemas de base que os afligem! A maior parte vive na pobreza extrema e na miséria! Ouvimos o clamor da Justiça e somos impelidos pela força do Amor. Queremos ser a voz que chega até à vossa morada. Até ao vosso coração.

Com a aproximação do tempo da chuva, vem o medo, também, da queda das habitações construídas, com material de pouca duração. Por isso, os Pobres buscam o cimento para robustecer as paredes. Que pena não termos possibilidades financeiras para os ajudar a construir, de raiz, suas casinhas melhoradas, que sejam o ponto de encontro agradável de toda a família! Domingo, de manhã, a seguir à celebração da Eucaristia, passámos algumas horas no bairro, a andar dum lado para o outro, com a fita métrica na mão, a medir as casas. Um grupo de mulheres, muito pobres, a viver sozinhas com os filhos, ficavam sentadas, junto do cruzeiro da nossa Aldeia, todos os dias, à espera da hora da visita às suas casas para receberem as chapas da cobertura. Já conseguimos.

Toda a gente sabe como é importante para a paz social resolver o problema da habitação. A casa, com um mínimo de dignidade, é um ponto de encontro e de estabilidade da família. Doutra modo, os filhos buscam a rua como morada habitual. Encontramo-los, diariamente, a vaguear pela cidade. Formam grupos. Entram na delinquência. A cadeia não tarda a ser a sua casa. Os pais fogem para os lugares onde o álcool e outros males tomam conta deles. A casa que devia ser o espaço de convívio familiar não tem nada a prender a família, por causa da sua nudez, vergonhosa para um ser humano. Quem nos dera poder fazer mais e melhor! Esta humanidade que temos diante dos nossos olhos é a humanidade que está em mim e está em cada um e cada uma de vós. Pertence-nos como parte do nosso ser. Por isso, todos somos responsáveis. Há tantas consciências e vidas que mudaram o seu modo de ser e viver, marcado pelo individualismo e o egoísmo, para a partilha generosa do que são e têm. Deram conta de que não perderam nada, escutando a voz da Justiça e dando por amor. Experimentaram o caminho da autêntica felicidade, ajudando os outros a ser felizes no gozo dos seus justos direitos. Quem dera que esta descoberta chegasse a todas as vidas! Vinde connosco e dai-nos as mãos.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Não cai um passarinho do céu sem que o Pai Celeste o saiba — verdade eterna. O Evangelho é Loucura.

PAI AMÉRICO